

Sesc^{tv}

EDIÇÃO N.115 / OUTUBRO DE 2016



DOCUMENTÁRIO
**A MÚSICA NA
DEMOCRACIA
DAS MADEIRAS**

MÚSICA
MÔNICA SALMASO,
FABIANA COZZA E CEUMAR

VIDEOBRASIL NA TV
A TRAJETÓRIA DO
BRITÂNICO ISAAC JULIEN



BOAS HISTÓRIAS INSPIRAM E TRANSFORMAM PESSOAS. CONTE A SUA.

Todos os dias, no Sesc, pessoas transformam pessoas.
Chegou a hora do Brasil inteiro conhecer essas histórias.

**Conte uma história de transformação
que aconteceu no Sesc.**

Acesse sesc70anos.com.br

Sesc 70
anos

índice

DESTAQUES

- 4 A arte de fabricar o som
- 6 Vozes que interpretam o Brasil
- 7 Na passarela e na prancha
- 7 Caixa preta - Cubo branco

ENTREVISTA

- 8 Marcelo Machado:
Entre temperos e essências

ARTIGO

- 12 “Como é bom poder
tocar um instrumento”
por João Marcos Coelho

ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



capa

Show *Mulheres de 90*.
Ceumar, Fabiana Cozza
e Mônica Salmaso.

Foto: Daniel Kersys

editorial

A amplitude da arte

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do Sesc São Paulo

A cultura e a arte são elementos importantes de transformação, protagonismo e valorização das pessoas e da sociedade. A música, entre tantas outras manifestações culturais e artísticas, carrega em toda sua potencialidade um espectro amplo e democrático, ao abarcar formas de produção e fruição de todos os níveis e gostos, do popular ao erudito, do local ao universal. Ela disponibiliza a todos os públicos experiências significativas, capazes de estimular sua autonomia e criatividade.

Como forma de ampliar o repertório sobre a música e as particularidades dos instrumentos, o SescTV exhibe este mês o documentário *A Democracia das Madeiras*, realizado pelo Selo Sesc e dirigido por Marcelo Machado. A produção apresenta os instrumentos de sopro da Família das Madeiras e os papéis que cada um deles desempenha dentro de uma orquestra.

As cantoras Mônica Salmaso, Ceumar e Fabiana Cozza se reúnem para interpretar importantes canções da MPB, no show *Mulheres de 90*. A série VideoBrasil na TV apresenta a obra do cineasta e artista britânico Isaac Julien, no episódio *Caixa preta - Cubo branco*. E ainda, a ética de surfistas e de candidatas a Miss Trans é contraposta no episódio *Na passarela e na prancha*, da série *Estilhaços*.

A *Revista do SescTV* traz entrevista com Marcelo Machado, que fala sobre a produção de documentários musicais. O artigo do jornalista e crítico musical João Marcos Coelho reflete sobre a experiência da música ao longo dos tempos. Boa leitura! ●

A arte de fabricar o som

A origem dos instrumentos musicais e as técnicas associadas à sua execução acompanham a evolução das civilizações e consolidam a música como importante elemento na cultura do homem



Documentário *A Democracia das Madeiras*. Direção: Marcelo Machado

Na pré-história, o homem buscou meios de se expressar através de sinais pictóricos nas pedras, sinais sonoros produzidos a partir de movimentos corporais e vocais, e do contato físico com pedaços de pedras, árvores e ossos. “Quando o homem pré-histórico soprou um osso pela primeira vez, descobriu que dali era possível extrair sons diferentes”, conta o crítico musical João Marcos Coelho.

É evidente que o objetivo do homem primitivo não era fazer música, mas estabelecer alguma comunicação com seus pares, seja produzindo novos ruídos, seja imitando sons da natureza. Entretanto, a partir da evolução natural dos grupos humanos, a música passou a ter um papel importante no cotidiano dos povos, sobretudo em rituais e festas, até finalmente se configurar como arte.

O DOCUMENTÁRIO ABORDA EM DETALHES A HISTÓRIA DE INSTRUMENTOS MUSICAIS E A RELAÇÃO DO HOMEM COM A MÚSICA



FOTO: DIVULGAÇÃO

Com o desenvolvimento das habilidades manuais e o uso de materiais como madeiras, ossos e metais, instrumentos cada vez mais sofisticados foram criados, permitindo maior diversidade e distinção de sons e timbres. O aperfeiçoamento das técnicas de produção, bem como o aprendizado musical, colaborou para a democratização da música no mundo.

A FAMÍLIA DAS MADEIRAS Oboé, flauta, fagote, saxofone e clarinete são instrumentos de sopro que funcionam através da vibração de palhetas de madeira. Na música, são agrupados na Família das Madeiras, diferenciando-se dos instrumentos da Família das Cordas, da Família dos Metais e da Família da Percussão. Esses instrumentos se juntaram à orquestra sinfônica a partir do século 18 e, nos últimos 300 anos, alcançaram todos os gêneros musicais.

A flauta é considerada o primeiro instrumento melódico da humanidade e foi moldada a partir de um pedaço de osso há 40 mil anos. Ela é familiar a todos os povos do planeta e é encontrada nos mais diferentes materiais, como bambu, ossos de tibia, madeira, metal, prata e ouro. “A flauta é uma prova de que todos os seres humanos, em todo o mundo, reconhecem a música como parte de sua existência”, defende Emmanuel Parrud, flautista da Orquestra Filarmônica de Berlim.

O saxofone, por sua vez, surgiu com a industrialização europeia no século 19. Criado pelo belga Adolphe Sax em 1841, produz timbres que se aproximam dos gerados pelas cordas, porém com mais força e intensidade. Hoje, ele tem 11 versões, que variam do soprano ao subcontrabaixo, do soprano alto ao tenor barítono. O saxofonista Ramiro Marques conta que Sax tentou criar outro instrumento, o *off clyde*, em busca de um intermediário “que tivesse a potência dos metais e a flexibilidade e a delicadeza das madeiras”, mas seu projeto não vingou.

Histórias, conceitos e execuções envolvendo o clarinete, o fagote, a flauta, o oboé e o saxofone são apresentados no documentário *A Democracia das Madeiras*, que integra o projeto *O Som da Orquestra*, realizado pelo Selo Sesc e dirigido por Marcelo Machado (confira entrevista exclusiva na página 8). A produção, que estreia este mês no SescTV, mescla registro de concertos, entrevistas com músicos e pesquisa histórica, revelando particularidades dos instrumentos da Família das Madeiras e os papéis que cada um deles desempenha dentro de uma orquestra. ●



A DEMOCRACIA DAS MADEIRAS, DIA 21, 20H

Direção: Marcelo Machado

Classificação: Livre



Assista o teaser do documentário A Democracia das Madeiras





FOTO: DANIEL KERSYS

Vozes que interpretam o Brasil

Três grandes intérpretes da cena paulista da década de 1990, Mônica Salmaso, Ceumar e Fabiana Cozza, se reúnem para apresentar canções que marcaram suas trajetórias

Enquanto o rock e o pop se destacavam no cenário musical, nos anos 1990, novos nomes surgiam na MPB, entre os quais Mônica Salmaso. Vinda do teatro, a *mezzosoprano* iniciou sua carreira na música interpretando os afro-sambas de Baden Powell e Vinicius de Moraes. Outra descoberta da década foi Ceumar, cantora mineira que se mudou para São Paulo no final dos anos 1990 e teve seu primeiro CD, *Dindinha*, produzido por Zeca Baleiro. No mesmo período, Fabiana Cozza, filha do sambista Osvaldo dos Santos, apresentava ao público sua mistura de samba e MPB, que lhe renderia prêmios e reconhecimento.

Juntas no palco, Mônica, Ceumar e Fabiana interpretam canções que foram importantes na música popular brasileira e estiveram presentes em suas trajetórias. “Elas nos ensinaram a fazer música também e passam pela nossa história”, comenta Lívia Nastrovski, que dirigiu com seu

parceiro Fred Ferreira o encontro das três.

Para Mônica, a experiência foi bastante colaborativa. “Cada uma tem sua linguagem, seu jeito de fazer seu trabalho e generosamente uma vontade de olhar o trabalho da outra, de se juntar, de somar”, explica. Fabiana concorda com a parceira e afirma que, se há identificação com os demais artistas e respeito mútuo dos pontos de vista artístico e pessoal, não tem como não acreditar no projeto. “É um time que vai defender aquilo que está dizendo”, acrescenta.

Gravado no Sesc Vila Mariana em abril de 2016, o show visita lugares do interior do Brasil nas canções de Ceumar, passando pelo Brasil brejeiro de Mônica Salmaso e pelo Brasil negro de Fabiana Cozza. No repertório, composições de Ná Ozzetti, Itamar Assumpção, Luiz Tatit, Wilson das Neves, Baden Powell, Vinicius de Moraes, entre outros. ●



**MULHERES DE 90:
FABIANA COZZA,
MÔNICA SALMASO
E CEUMAR,
DIA 26, 22H.**

Direção para
TV: Max Alvim.

Classificação: Livre.



Na passarela e na prancha

DIA 6, 22H. Estilhaços. Direção: Kiko Goifman.
Classificação: Livre.

O que surfistas e transexuais têm em comum? A busca pela liberdade sem preconceitos permeia a trajetória de ambos os grupos. Para eles, campeonatos e concursos acirrados devem ser sempre disputados com ética, honestidade e transparência, mesmo com rivalidade. O surfista Cisco Araña relembra o estigma que o esporte sofreu, quando começou a ser praticado no Brasil, e as dificuldades de vivê-lo como uma filosofia. “O surf sofria muito preconceito. Era proibido nas nossas praias. As pranchas eram apreendidas, quebradas. Nós não podíamos usar cabelos compridos, nem camisetas *flower*. A gente era rebelde por causa dessa forma de pensar, de agir, e o que a gente queria era liberdade”. A vida dos transexuais e *drag queens* também sempre foi estigmatizada e reprimida. “É complicado porque as pessoas associam o ato de se montar à prostituição. Elas não veem que, basicamente, ser *drag* é ser um palhaço. A gente pinta a cara à noite pra alegrar com mais luxo”, explica a professora de dança Camila Monteiro, que participa de concursos de beleza, como o Miss Gay e Miss Trans. A ética nas passarelas e nas pranchas de surf é discutida em episódio inédito da série Estilhaços. ●



Caixa preta - Cubo branco

DIA 24, 23H. VideoBrasil na TV. Direção: Jasmin Pinho e Marco Del Fiol. Classificação: 16 anos.

O cinema de Isaac Julien nasce engajado na luta dos movimentos negro e homossexual por territórios físicos, políticos e expressivos na Inglaterra dos anos 1980, e segue aperfeiçoando uma linguagem que se apoia na fusão ritmada de elementos do documentário, da ficção, das artes visuais, da poesia, da música e da coreografia. “É um modo de ter uma abordagem mais lírica na construção das imagens”, explica o diretor. Nascido em 1960, no subúrbio de Londres, Julien é formado em pintura e cinema de arte pela St. Martin’s School of Art. Suas obras percorrem o mundo em galerias, museus, cinemas e mostras em importantes centros, como o Georges Pompidou, em Paris, a ShanghaiART Gallery, em Xangai, e o MoMA, em Nova York. O episódio *Passagens: Caixa Preta - Cubo Branco*, da série VideoBrasil na TV, exhibe um panorama da filmografia do artista britânico, com trechos de entrevista exclusiva em que Julien comenta sua trajetória. O programa traça um histórico da produção do artista, do tempo em que integrava coletivos de cinema independente londrinos à turnê internacional de *Ten Thousand Waves*, uma de suas mais significativas obras recentes. ●

MARCELO MACHADO. DIRETOR DE CINEMA E TV.

A trajetória de um artista em busca da criatividade

Entre temperos e essências

Desde menino, Marcelo Machado sempre se interessou pela música, mas sua primeira forma de expressão foi o desenho, que o acabou levando a estudar arquitetura. Na faculdade, participou de um grupo que se interessava por cinema e fazia experiências em curta-metragem e animação. Entre os amigos do grupo, que se reuniam no cineclube da FAU-USP, estavam Fernando Meirelles, Paulo Morelli, José Roberto Salattine, colegas de classe com quem acabou montando a produtora Olhar Eletrônico, em 1981, assim que se formou. Nunca atuou como arquiteto, optou pelo vídeo e foi, com seus colegas, pioneiro na compra e uso de equipamentos portáteis de broadcasting. Ganhou prêmios e espaço na televisão, com produções independentes marcadas pela ousadia de linguagem. Foi responsável pela primeira geração de videorepórteres brasileiros, diretor de programação da TV Gazeta e da MTV Brasil. Produziu e dirigiu videoclipes, vídeos publicitários, programas de TV e documentários, entre eles *Tropicália*, em 2012, e *A Democracia das Madeiras*, realizado pelo Selo Sesc, em 2016.

O que é o vídeo?

O vídeo é um avanço tecnológico facilitador para a entrada no meio audiovisual, por sua flexibilidade e baixo custo. Ele foi, para mim e para muitos, a porta de entrada nesse meio. Na época da faculdade, o Fernando (Meirelles) quis fazer um média-metragem em 16mm. No entanto, a gente percebeu que, com o custo dessa produção, ele compraria dois equipamentos de vídeo. A tecnologia do vídeo apresentava maleabilidade, possibilitava regravar as fitas, assistir o que se gravava. Havia uma baixa de qualidade técnica, mas muita flexibilidade nesse recurso.

Como o vídeo foi recebido pelo mercado audiovisual?

Na década de 1980, havia muito preconceito com as pessoas que trabalhavam com vídeo, principalmente por parte dos profissionais de cinema. Eu entendo esse preconceito hoje, porque nós tínhamos outra dinâmica de gravação, mais ágil e talvez até tecnicamente descuidada. O vídeo tinha uma dinâmica completamente diferente do cinema e sua sala escura, seu rigor, apuro técnico e todo o ritual de assistir a um filme. Ele dava uma espécie de vulgarizada, de banalizada nesse processo, o que nos fez aproximar da televisão, que é um veículo de massa e, na época, nos permitia experimentar mais. Muitos de nós foram depois fazer cinema, mas levando na bagagem esse outro jeito de pensar o audiovisual.

Hoje, a relação do vídeo com o cinema e a televisão mudou?

Com o avanço das tecnologias audiovisuais, essa relação se expandiu. Os recursos foram ficando cada vez mais portáteis, mais flexíveis, mais baratos e acessíveis, permitindo a inclusão de milhões de pessoas em todo mundo no universo audiovisual. Hoje, todos podem fazer seus vídeos com celular. Eles podem não ter pesquisa, pensamento, roteiro ou apuro técnico, mas, se você olhar na origem do cinema, os primeiros a fazer filmes usavam a câmera para mostrar um trem ou um homem andando a cavalo. É o que meu amigo Raimo Benedetti chama de Cinema das Atrações: produções livres feitas a partir de uma câmera apontando para um evento, um objeto ou uma pessoa. Portanto, a relação entre o vídeo e os outros suportes se expandiu e se tornou mais inclusiva, sobretudo na produção. É claro que há muita coisa banal, mas com essa expansão você vai conquistando novos adeptos para o meio audiovisual.



RAIO-X
MARCELO MACHADO,
ARARAQUARA (SP)

Formação
Arquitetura
e Urbanismo

- Alguns trabalhos**
- A Democracia das Madeiras (2016)
 - Tropicália (2012)
 - Samba Sim (2003)
 - Olhar Eletrônico (1986)



“Virou uma sina essa coisa de inventar”



“Cada música pede um jeito de filmar. Cada situação musical pede uma abordagem diferente. Algumas abordagens viraram receitas, modelos que eu tento evitar.”

“No registro não há como guardar 100% do sabor de uma música, guarda-se apenas parcialmente. Por isso, se você rebuscar demais, tende a estragar. É como fazer uma comida muito temperada.”

»»

De onde surgiu seu interesse pela música?

Cresci contaminado por diferentes formas de música e muito interessado por elas. Na minha adolescência, frequentava o circuito universitário, que trazia grandes músicos para circular pelas cidades que tinham universidades. Sem sair de Araraquara, vi shows de Caetano, Gil, Vinicius, Toquinho, Gal Costa, Bethânia, Chico Buarque e Elis Regina. Tive muito acesso à música que estava se fazendo naquele período, sem ter que morar na capital. Através de discos, descobri o *rock and roll*. A partir daí, resolvi estudar música. Apreendi violão e flauta. A única professora na cidade era uma senhora alemã que ensinava música barroca de Händel, Telemann e Bach. Então eu ouvia MPB ao vivo, ouvia rock gravado e tocava música da renascença e da idade média.

Como a música refletiu no seu trabalho?

Na faculdade, o desenho, que era a minha linguagem original, virou a coisa principal e fui abandonando a música como artista, mas não como público. Quando comecei a trabalhar com vídeo e cheguei à televisão, passei a buscar naturalmente uma aproximação da música através dos meus trabalhos.

Qual a importância da música no Brasil?

A música é a maior expressão artística do Brasil, que tem uma diversidade de estilos reconhecida mundialmente. Somos muito bem representados por nossa música. Acredito que não só devemos nos orgulhar, mas também trabalhar esse conteúdo, pelo qual nos destacamos. Essa constatação para mim é óbvia. Os ingleses falam de *soft power*, que é todo o serviço que pode ser feito por áreas não industriais ou tecnológicas pela arte e pela cultura, por exemplo, para afirmação da iden-

tidade e soberania de um país perante os outros e para a conquista de espaço no mercado, inclusive de trabalho. Então, se o Brasil souber lidar com isso, ele se afirma e conquista seu papel no mundo através da música.

O Brasil aproveita seu potencial musical?

Acho que fazemos isso, mas poderíamos fazer melhor. Não temos um único artista de reconhecimento internacional, mas vários. Quando fiz *Tropicália*, rodei com o documentário por vários países cujas pessoas reconheciam a importância de Gil, Caetano, Gal, Tom Zé e tantos outros, como Milton Nascimento e Os Mutantes. Na música erudita, temos Nelson Freire, que hoje é bastante forte na cena pianística mundial. Talvez não tenhamos ninguém com o porte da Beyoncé, com grande expressão no *showbiz* em termos de faturamento. Mas sempre estivemos presentes em todas as vertentes da música. Estamos no topo da cadeia musical e não devemos ter dúvida disso.

Existe receita ideal para filmar a música?

Cada música pede um jeito de filmar. Cada situação musical pede uma abordagem diferente. Algumas abordagens viraram receitas, modelos que eu tento evitar. O uso do recurso multicâmera no palco – com várias câmeras ligadas a uma mesa de corte –, na música erudita ou popular, se tornou quase um padrão. No meu trabalho, tento não ceder facilmente a esses padrões e buscar sempre outras maneiras de fazer, em síntese, a mesma coisa. Dá para mostrar outros aspectos da música que as gravações tradicionais não consideram, mas que podem ser muito interessantes para o público. Entender a essência e buscar certa simplicidade na abordagem são coisas muito importantes no documentário musical.



MARCELO MACHADO EM TRÊS MOMENTOS

FOTO: DIVULGAÇÃO



■ *A Democracia das Madeiras* (2016)

FOTO: J. FERREIRA DA SILVA



■ Gal Costa. *Tropicália* (2012)

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



■ Equipe da produtora *Olhar Eletrônico* (1986)

Como falar de música erudita em um documentário?

Busco sempre abordagens simples. Tento não hermetizar, não intelectualizar e, com isso, não afastar a música do público. Na tentativa de valorizar a música, muitos diretores acabam rebuscando demais e tirando a essência daquilo que deveriam registrar. Então quais são os ingredientes que você vai usar no documentário para não estragar, sabendo do limite do registro? No registro não há como guardar 100% do sabor de uma música, guarda-se apenas parcialmente. Por isso, se você rebuscar demais, tende a estragar. É como fazer uma comida muito temperada.

Qual a potencialidade do documentário musical na divulgação da música?

Nos últimos anos, houve um *boom* de documentários musicais no mundo. Aqui no Brasil também. Temos até festival sobre o gênero e um público sendo formado por esse tipo de produção. É um formato que está em alta. A gente já teve outros, como o videoclipe na década de 1990, que tinha como suporte a TV e que foi um formato que serviu à indústria do disco e a canais como a MTV. Mas o documentário musical antecede o videoclipe, até mesmo com produções brilhantes. Hoje há uma nova fase de documentários, que se tornam mais importantes que os videoclipes. É o que mais assisto, no cinema, na TV ou na internet. Mas me interessam outras formas de abordar a música que são igualmente interessantes e têm um potencial muito grande.

Falta criatividade para abordar a música na televisão?

Falta. Muitas vezes, isso acontece por uma questão orçamentária, de viabilidade. Eu pago um preço alto por ficar inventando o tempo todo. Se eu trabalhasse com multicâmera, cobrindo eventos, talvez trabalhasse mais. Como fico tentando buscar a tal da criatividade, aceito meus riscos. Essa história de andar na contramão tem seu preço, porém, na minha trajetória, isso se tornou uma constante, e talvez eu nem saiba mais sair desse lugar onde eu me coloquei. Virou uma sina essa coisa de inventar. ●

Como é bom poder tocar um instrumento

João Marcos Coelho é jornalista, crítico musical do jornal O Estado de S. Paulo e autor de livretos, roteirista, ao lado de Marcelo Machado, e apresentador da série de DVDs *O Som da Orquestra*, realizada pelo Selo Sesc

por João Marcos Coelho

Vivemos num tempo visual por excelência. As pessoas, antes de tudo e em primeiro lugar, veem o que as rodeia. Tudo. O tempo todo. Esgotam sua curiosidade no ato de percorrer com os olhos a tela do celular, do notebook, da TV (no caso dos mais velhos). A tal ponto que, ao fecharmos os olhos, parece que nos desligamos do mundo – e de nós mesmos – dissolvendo numa geleia geral disforme, já que nossa identidade pauta-se, em certa medida, pelo acesso visual ao mundo. Essa é a régua com a qual nos medimos. Esqueçam o “penso, logo existo” cartesiano; hoje vigora o “vejo, logo existo” nesta era vertiginosa do pós-tudo.

E o ouvido, como fica nesta civilização tão saturada de lentes óticas (não ópticas, porque com o “p” adentramos o reino dos nossos esquecidos e maltratados aparelhos auditivos)?

Ouvidos, coitados, não têm pálpebras, portanto estão sujeitos a todo tipo de sons. Desejáveis ou não, insuportáveis, belos, feios, estranhos. Mais: quando ouvimos música, precisamos abrir mão de nosso tempo e entrar no tempo da obra musical. E se ela é nova, então, além de renunciar ao nosso pulso temporal, precisamos ainda nos armar de paciência. Thomas Mann (1875-1955) “criou”, no romance *Doutor Fausto*, uma série de obras musicais fictícias para seu personagem Adrian Leverkühn, calcadas na produção do revolucionário compositor austríaco Arnold Schoenberg (1874-1954). Já o francês Marcel Proust (1871-1922) “criou” a célebre Sonata de Vinteuil no monumental ciclo romanesco *Em Busca do Tempo Perdido*, baseado numa obra musical de carne e osso, a Sonata para violino e piano, de César Franck (1822-1890). Pela voz de um dos personagens, Proust afirma que frequentemente não entendemos nada na primeira audição “quando a

música é um pouco complicada”. Só a “conheceremos perfeitamente”, aconselha-nos, “depois de ouvi-la duas ou três vezes”.

Ou seja, a música precisa ficar memorável para nossos ouvidos para ser compreendida. Ou seria sentida? Num aforismo muito conhecido, Nietzsche diz que “é necessário aprender a amar” a música: “É preciso aprender a ouvir uma figura, uma melodia, saber discerni-la pelo ouvido, distingui-la, isolá-la e delimitá-la; em seguida, pratica-se o esforço e a boa vontade de suportá-la, apesar de sua estranheza, ter paciência com sua expressão, ternura, enfim com o que ela tem de singular; chega, afinal, o momento em que nos habituamos, onde esperamos, onde sentimos que ela nos faria falta; daí em diante, ela exerce seu fascínio até fazer de nós humildes e arrebatados amantes”.

O checo Milan Kundera, 87 anos, um íntimo da música como Proust e Mann, comunga com o filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1890) este culto do sentir: “Por mais que [o compositor russo Igor] Stravinsky (1882-1971) rejeite a música como expressão dos sentimentos, o ouvinte ingênuo não sabe compreendê-la de outro modo. É a maldição da música, seu lado burro. Basta um violinista tocar as primeiras três notas de um Largo para que o ouvinte sensível suspire: ‘Ah! Que bonito!’ Nada, não há nenhuma invenção ou criação nestas três primeiras notas que provoque a emoção”.

Afinal, a obra musical só se completa, após ser composta, no ato da sua interpretação – e isso acontece onde? Nos ouvidos de quem assiste à performance. O ouvinte funciona, então, como “coautor”, pois só ele lhe dá um sentido por meio da escuta. Ler é um ato semelhante, como acentua Roland Barthes: ler é “reescrever o texto



da obra como se fosse o texto de nossa vida”. Mas a leitura pode ser feita a qualquer tempo, em qualquer lugar. A audição não: você precisa entrar no tempo específico da música. E mergulhar nela de tal modo que ela se transforme em “sua”.

A música, então, só se completa mesmo quando a ouvimos ou assistimos em concerto. Epa! Deixei escapar a palavra mágica “assistimos”. Ou seja, o processo de aproximação da obra de arte musical que descrevi acima simplificou-se muito no século 21. Se a televisão já existia nos idos de 1950, é igualmente correto dizer que só agora, no século 21, os telespectadores se libertaram de três ou quatro canais abertos que fizeram as cabeças, ouvidos e olhos de gerações mais velhas (como a minha, confesso).

De todo modo, mesmo nós, mais velhos, já assimilamos as delícias da civilização visual. E temo que poucos depois de nós ainda sejam capazes de uma escuta ativa da música sem que haja apelos visuais. Mas também não é o caso de cairmos na ladainha dos velhos tempos, aqueles sim é que eram bons...

Nada disso. Estamos no melhor dos mundos. Até o final do século 19, o cidadão gostava de uma música que ouvia num concerto e só tinha uma chance de voltar a ouvi-la: tocando ele mesmo um instrumento. Os concertos eram raros a ponto de, por exemplo, o compositor vienense Franz Schubert (1797-1828), autor de mais de mil composições e nove sinfonias, não ter tido a chance de ouvir nenhuma de suas obras orquestrais em sua vida (curta, reconheça-se, só 31 aninhos).

Com a invenção da reprodução fonográfica na passagem dos séculos 19/20, passou-se a privilegiar o ouvido como porta de entrada da música em nossos corpos e mentes. Aos poucos, deixamos de passar pelo aprendizado do instrumento; contentamo-nos em colocar os discos – dos 78 rotações aos CDs – nos players. Com a massificação do audiovisual e o barateamento dos custos para se fazer não só uma gravação em áudio mas também em vídeo, chegamos ao nirvana.

Agora, podemos ver e ouvir a música. Músicos em ação, belos sons. Mas como é que aquele cidadão tira sons daquele instrumento esquisito, comprido com uma piteira na ponta? E o som, como é gaiato. O que é aquilo?

Perceberam? Estamos fazendo o caminho

inverso. Agora nos aproximamos da música via o audiovisual, em que nossos nervos ópticos se impressionam simultaneamente a nossas retinas. E sabem por que fechamos este ciclo virtuoso agora, na segunda década do século 21? Porque é memorável o impacto de assistir ao modo como um clarinetista desmonta seu instrumento e exhibe diante das câmeras como funciona a palheta que lhe dá seu DNA, seu timbre, ou “cor”. Um timbre belo, a ponto de levar Mozart (1756-1791) a compor um quinteto e um concerto para clarinete estonteantes, fez o sucesso planetário de Benny Goodman (1909-1973), nos anos 1930; e hoje está presente, por exemplo, num quinteto que só o Brasil poderia produzir: o Sujeito a Guincho, capaz de tocar em meio instrumento.

Siderados por estas “descobertas” visuais e auditivas, vamos saber, então, como estudar estes instrumentos tão maravilhosos; com quem estudar; como comprar; quanto tempo é necessário para alcançar um nível profissional; quais as chances de se sobreviver dignamente tocando clarinete, nosso exemplo. É hora, então, de retornarmos ao nível da leitura. E acompanhar cada um dos instrumentos das madeiras – flauta, fagote, clarinete, oboé e saxofone –, desde seus partos, suas melhorias construtivas, até o estágio atual. E também conhecer os maiores instrumentistas, de ontem e de hoje, da música clássica e da popular, bem como os compositores.

Que lindo ciclo virtuoso conseguimos fechar nesta nossa civilização audiovisual. Podemos percorrer inversamente a evolução histórica. Antigamente partia-se do aprendizado do instrumento para fazer a música, que só se podia ver ao vivo. Hoje, partimos do concerto, do show, da “rave” tribal, capturados, deglutidos sensorialmente por olhos e ouvidos. E, aos poucos, chegamos ao desejo irresistível de aprender a tocar um instrumento. Para crianças e adolescentes, são oportunidades raras de fazer da música uma incrível profissão pela vida inteira. Quanto a nós, de gerações anteriores, asseguro-lhes que não existe prazer maior na maturidade do que dedilhar um piano, soprar um clarinete, ou tocar com o arco as cordas de um violoncelo.

Sabidamente, aliás, Caetano, em “Tigresa”, nos emociona com o verso final: “Como é bom poder tocar um instrumento”. ●





dia 15, 14h30

MESTRE DE OFÍCIO: PANELEIRAS E PESCADORES. Coleções. Direção: Belisario Franca. Classificação: Livre. As técnicas das mulheres paneleiras de Goiabeiras, em Vitória, que fabricam suas painéis de barro, e o ofício dos pescadores da região compõem importantes tradições típicas do Estado do Espírito Santo, tema de episódio da série Coleções, que integra programação do Dia Mundial da Alimentação, comemorado no dia 16 de outubro.

dia 10,
21h

**UMA CANETA NA MÃO
E UM PASSAPORTE
NO BOLSO**

Super Libris. Direção:
José Roberto Torero.
Classificação: Livre.

“Qualquer livro é uma viagem”. Para o escritor brasileiro Luiz Ruffato, a literatura tem o poder de transportar o leitor para outro mundo e fazê-lo descobrir o desconhecido. O primeiro registro de literatura no Brasil, por exemplo, foram as cartas de Pero Vaz de Caminha. Vencedor do Prêmio Jabuti, finalista do Prêmio Portugal Telecom e com romances traduzidos em quatro idiomas, Ruffato fala sobre literatura de viagem em episódio da série Super Libris.

de 7 a 28,
23h

**ÍNDIOS EM
MOVIMENTO**

Direção Geral:
Marco Altberg.

O indigenista Felipe Milanez defende a importância de conhecer as histórias dos indígenas e de entender que eles não foram passageiros na nossa história. “Eles são a nossa história junto com a gente.” Milanez e os pesquisadores Betty Mindlin, Ailton Krenak e Vincent Carrelli discutem o tema em episódios da série, exibidos às sextas. Na sequência de cada debate, documentários históricos refletem sobre os povos indígenas e suas questões sociais, culturais, políticas e ambientais.

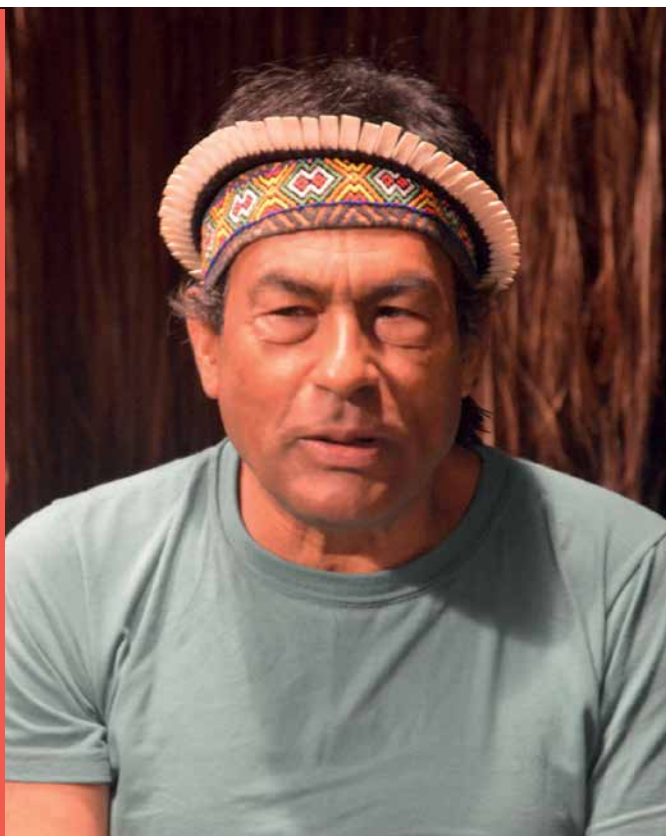


FOTO: DIVULGAÇÃO



**dia 12,
22h**

EASY BIG FELLA

Direção para TV: Daniel Pereira. Classificação: Livre.

No início dos anos 1990, os integrantes da banda Easy Big Fella se reuniram, em Seattle, nos Estados Unidos, para tocar ska. O ritmo jamaicano combinava elementos caribenhos ao jazz e ao blues e começava a se popularizar pelo país. Para o vocalista e guitarrista Rick Dybvad, eles estavam no lugar certo, na hora certa: "Tivemos sorte de estar numa onda crescente junto com a popularidade do ska". O grupo apresenta seus sucessos em show gravado no Sesc Pompeia, em 2015.

dia 12, 12h

A CASA DO MEU VIZINHO

ComKids Prix Jeunesse. Direção: Makena Lorenzo. Classificação: Livre. A casa da árvore de Lúcia é o lugar onde ela brinca e reúne amigos, como seu irmão menor, seu primo e sua vizinha, para contar histórias. O universo infantojuvenil é abordado em produções premiadas no Festival ComKids Prix Jeunesse Ibero-Americano.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Sesc 70 anos

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social.

Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

COORDENAÇÃO GERAL

Ivan Giannini

SUPERVISÃO GRÁFICA

Hélcio Magalhães

REDAÇÃO

João Cotrim

EDITORIAÇÃO

Thais Mendes

REVISÃO

Marcelo Almada

PROJETO GRÁFICO

Marcio Freitas e Renato Essenfelder

REVISTA DIGITAL

Ana Paula Fray e Marilu Vecchio

Sesc tv

DIREÇÃO EXECUTIVA

Valter Vicente Sales Filho

DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Regina Gambini

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Juliano de Souza

COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Padilha

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

João Cotrim

DIVULGAÇÃO

Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

ESTAGIÁRIA

Tatiana Maria Soares

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site sesc.tv/org.br/aovivo

Acompanhe o SescTV: sesc.tv/org.br



[/sesc.tv](http://sesc.tv)



Baixar grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: atendimento@sesc.tv

Leia as edições anteriores em: sesc.tv/org.br

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado



curta-metragem
Pedro e o Lobo

direção: Gordon, Corentin Leconte e
Pierre-Emmanuel Lyet

em novembro



Foto: Divulgação



/SECTV

Assista online: sesctv.org.br/aovivo